

O primeiro romance da série da Netflix,
criada por Darren Star

NETFLIX

UMA SÉRIE
NETFLIX



Catherine Kalengula

EMILY EM PARIS

OUTRO Planeta

Copyright © Hachette Livre, 2022
Romance escrito por Catherine Kalengula
Publicado sob licença da Viacom International
©2022 Viacom International Inc. All Rights Reserved. Emily in
Paris and all related titles, logos and characters are trademarks
of Viacom International Inc.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Copyright da tradução © Carolina Donadio
Todos os direitos reservados.
Título original: *Emily in Paris*

Preparação: Caroline Silva
Revisão: Bárbara Parente e Renato Ritto
Projeto gráfico e diagramação: Camila Catto
Adaptação de capa: Beatriz Borges

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Kalengula, Catherine
Emily em Paris / Catherine Kalengula; tradução de
Carolina Donadio. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
224 p.: il.

ISBN 978-85-422-1937-1
Título original: *Emily in Paris*

1. Ficção francesa I. Título II. Donadio, Carolina

22-5144

CDD 843

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção francesa

Ao escolher este livro, você está
apoiando o manejo responsável
das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Catherine Kalengula

EMILY EM PARIS

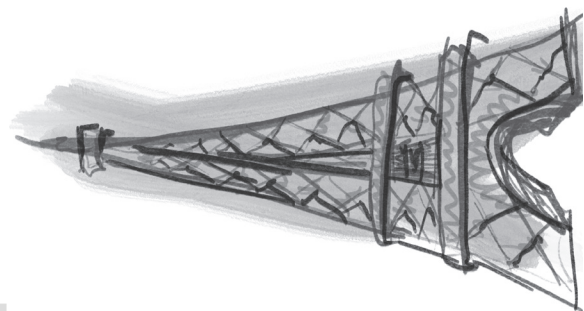
**O primeiro romance da série da Netflix,
criada por Darren Star**

**Tradução:
Carolina Donadio**

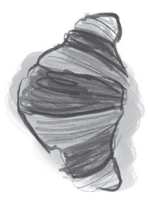


Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



Planeta



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Welcome to Paris

ESTOU NUM TÁXI E MEU CORAÇÃO ESTÁ BATENDO COM TANTA força que parece que vai explodir. Eu, Emily Cooper, em Paris! Todo mundo precisa de um sonho que dê sentido à vida, e o meu sempre foi vir para cá. É um sonho que surgiu de repente, uma noite, enquanto eu assistia ao filme *Moulin Rouge*, com a maravilhosa Nicole Kidman. Eu devia ter sete ou oito anos e, ali, diante da TV, gritei:

— Também quero ir para Paris!

Ao que minha mãe respondeu:

— Não é um pouquinho longe de Chicago, não?

E meu pai acrescentou:

— No seu lugar, eu pensaria duas vezes. Dizem que os franceses só tomam banho uma vez por mês.

Mas nada poderia me desencorajar, nem mesmo os odores corporais.

Não sou idiota! Sei que a história do *Moulin Rouge* se passava na Belle Époque e que muitas águas rolaram desde então. Mas acontece que, quando sonhamos tanto com uma coisa, não conseguimos deixar para lá. O filme plantou uma sementinha em mim, uma sementinha que não parou de crescer e florescer no decorrer dos anos.

As ruas de Paris e seus monumentos, uns mais bonitos que os outros, desfilam diante dos meus olhos. E eu só consigo sorrir, sorrir sem parar! O problema é que uma parte de mim tem medo. Medo de não encontrar meu lugar aqui. Medo de sentir saudade demais de Doug, meu namorado. Medo de que a realidade não seja como sonhei.

Mas estou tão empolgada que vou domando todos esses medos. Escondo-os debaixo de uma tonelada de otimismo. Porque enquanto os sonhos nos empurram para a frente, os medos nos paralisam totalmente.

O táxi para diante de um prédio antigo, ao lado de uma praça de charme indescritível. Tem até uma fontezinha! Tento não parecer tão deslumbrada, mesmo estando a um passo de sair pulando e gritando por todo lado: “Paris, cheguei!”

E pensar que devo essa alegria a um espermatozoide! Se minha chefe, em Chicago, não tivesse engravidado bem na hora certa, ela estaria aqui no meu lugar. *I love you, little girino!*

Assim que desço do táxi, sou recebida por um cara moreno, usando um terno bastante clássico. Deve ser o corretor de imóveis.

— Emily Cooper? — ele diz, apertando minha mão. — Gilles Dufour, da imobiliária.

— *Hi!* Olá!

Meu apartamento fica no quinto andar, e o prédio não tem elevador. Dentro do prédio, sou surpreendida por uma escada em espiral simplesmente maravilhosa. Depois de arrastar minhas malas enormes por dezenas e dezenas de degraus, passei a achá-la bem menos legal.

Primeira observação sobre Paris: o antigo é belo, mas não muito prático.

— Já chegamos? — pergunto, sem fôlego.

— Seu apartamento fica no quinto andar — informa-me o corretor. — Ainda estamos no quarto.

— Mas eu contei cinco andares.

Ele deixa escapar um suspiro desesperado, do tipo “Ela é tonta ou o quê?”.

— Na França, o primeiro andar é o térreo. Então, o segundo andar é o primeiro, e assim por diante.

— Que estranho — observo, perplexa.

— Não, faz todo o sentido — ele responde.

Como fazê-lo entender que o que faz sentido para uns não necessariamente faz para os outros? Não me dou ao trabalho. Só quero uma coisa: conhecer minha casinha parisiense. Com o que resta das minhas forças, consigo levar minhas malas até o sexto andar. Não importa o que diga o senhor Dufour, os músculos das minhas coxas me dizem que estamos no sexto.

— Esse é o seu maravilhoso e aconchegante *chambre de bonne* — ele anuncia.

Entendo rapidinho o que “aconchegante” quer dizer na linguagem de corretor de imóveis: minúsculo. A decoração lembra vagamente a da casa da minha bisavó, e o cheiro também

se parece um pouco com o de lá. Mas pelo menos na casa dela eu estava em terreno conhecido. Por outro lado, a vista daqui é simplesmente incrível! Deve ser a vantagem de estar no sexto andar.

— *Oh my God!* — exclamo, empolgada. — Sou a própria Nicole Kidman no *Moulin Rouge*.

— Sim, Paris inteira está aos seus pés — ele confirma, colocando a mão no meu ombro. — Tem um café muito simpático bem na entrada do prédio. É de um amigo meu. E então, está tudo certo? *All is good?*

— Sim, tudo *good* — respondo, sem conseguir parar de sorrir. É incrível.

Eu queria que ele fosse embora logo. Já entendi a história dos andares e agora quero contemplar Paris. Minha Paris. Saborear esse momento — sozinha, já que Doug não está aqui para contemplá-la comigo. Infelizmente, Gilles Dufour não parece querer ir embora.

— Está com fome? — ele pergunta. — Quer tomar um café ou...

— Na verdade, preciso ir para o escritório.

— Ah, certo. O que acha de bebermos algo hoje à noite? — insiste.

Por que será que tenho a leve impressão de que ele está me paquerando? Devo dizer que ele não está sendo muito sutil. E está apressado demais. Eu tinha certeza de que ele estava me achando uma tonta! Pelo jeito, parece que minha *tontice* não o incomoda tanto assim. Mas eu fico incomodada. A única coisa que quero são minhas chaves. Não é isso que esperamos de um corretor de imóveis? Ou será que há outros “serviços” inclusos no preço da locação? Um pacote, digamos... especial?

— Tenho namorado — explico, na esperança de acabar logo com aquela conversa.

— Em Paris?

— Em Chicago.

— Então não tem namorado em Paris — conclui, animado.

Uau! Isso é que é ser uma pessoa com iniciativa. Mas, mais que qualquer coisa, superchata. É aquela típica situação constrangedora que só queremos encurtar o mais rápido possível. E esquecer. Assim que pego as chaves, levo-o gentilmente – mas com firmeza – em direção à porta.

Ele que vá propor seu pacote “apê com cama inclusa” a outra pessoa.



Primeiro encontro com meus colegas franceses



SAVOIR. ESSE É O NOME DA AGÊNCIA DE MARKETING DE LUXO QUE a empresa em que trabalho, Gilbert Groupe, de Chicago, comprou na França. É por isso que estou aqui! Preciso desenvolver a estratégia de redes sociais deles. Espero que meus colegas sejam legais. Não quero lhes ensinar nada; só quero mostrar uma nova forma de ver as coisas, um outro ponto de vista. E também aprender com eles! Vai ser tão enriquecedor! Fico arrepiada só de pensar!

A agência fica a poucas ruas do meu “aconchegante *chambre de bonne*”, então aproveito para admirar os prédios feitos em pedra, as lojas, as praças. Já me sinto tão bem em Paris que é como se eu tivesse vivido aqui a minha vida toda.

Nicole Kidman ficaria orgulhosa demais de mim!

É com o coração cheio de expectativa e com um grande sorriso no rosto que abro a porta da agência. Vai dar tudo certo. Os franceses não devem ser tão diferentes dos americanos. Não é? Acho que não devemos acreditar em tudo o que dizem. Por exemplo, já faz duas horas que cheguei e ainda não senti nenhum odor corporal.

Isso diz tudo, não?

Enquanto aguardo na recepção, chega um cara. Ele me olha quase como se eu fosse um inseto. Sem problemas. Aplico minha fórmula S.E.D.: sorriso, entusiasmo e dinamismo. A chave

do sucesso! Junto com o trabalho, claro. Muito trabalho. Uma tonelada de trabalho.

— *Hi! Oi!* — digo com alegria. — Sou Emily Cooper, do Gilbert Group de Chicago.

— Ahn, o quê? — ele responde. — Esse sotaque quebequense é meio...

Bom, OK, é verdade que eu tenho um sotaquezinho, quase nada. Por sorte, o tradutor do meu telefone fala um francês perfeito e se encarrega de explicar, no meu lugar, que vim para trabalhar na empresa.

Então, o rapaz tem uma reação estranha: ele parece confuso. Ou seria consternado? Mas a minha chegada estava prevista. Será que ele não estava sabendo? Ele se aproxima do balcão da recepção e tira o telefone do gancho.

— A menina americana está aqui — diz à pessoa do outro lado da linha.

Aparentemente, essa pessoa, sim, estava sabendo. Uma mulher aparece logo em seguida. Acho-a muito elegante em seu macacão preto. O problema é que não entendo nada do que ela fala. Só consegui entender a primeira palavra, “Olá”, e seu nome, Sylvie. Depois, sinto-me completamente perdida.

— Você poderia falar mais devagar? — peço.

— Ah! — ela deixa escapar.

Ela não parece muito contente, mas vou fazê-la esquecer essa primeira impressão rapidinho. S.E.D., a chave do sucesso!

Eu a acompanho pela magnífica agência.

— Pensei ter entendido que você tinha um mestrado em francês — ela observa.